

Lendas de Vieira do Minho

Lenda da Senhora da Orada

Uma das lendas diz que uma jovem surda-muda de um dia para o outro começou a crescer-lhe a barriga, tudo fazendo crer que estava grávida. A jovem não era casada e por isso fortemente condenada por se encontrar grávida. A mudez impedia-a de se defender perante as evidências. Para os seus pais e demais comunidade só havia uma solução: ser severamente castigada, por se encontrar grávida e não ser casada.

A jovem foi expulsa da casa dos seus pais, como castigo por ter, supostamente, engravidado e foi levada a um bosque, fora da povoação, onde hoje se situa a capela da Senhora da Orada.

Neste degredo, e perante o desespero, a jovem suplicava, noite e dia, pela protecção divina. No meio desta angustiante súplica de oração apareceu-lhe Nossa Senhora que mandou a jovem procurar um recipiente e um pouco de leite e se debruçasse sobre ele. Neste instante saiu, pela boca, uma enorme cobra, que tinha sido ingerida, pequenina, quando a jovem bebeu água num riacho.

Para todos e mais particularmente para a jovem, este facto foi considerado como um milagre. A jovem foi novamente recebida na sua família e na comunidade. Quiseram então saber como podiam agradecer este milagre realizado pela Senhora. A Senhora apareceu novamente, à jovem, e pediu que lhe construíssem uma capela onde tinha acontecido o dito "milagre". Para as pessoas era uma explicação para o aparecimento da capela neste lugar e esta invocação aparece como uma homenagem à oração que ali se fez.

In, Pe. Artur Jorge Gonçalves, "Nossa Senhora da Orada, Monografia da Orada de Pinheiro"

Lenda da Serra da Cabreira e do Rio Ave

Diz-se que certo dia, chegou à Serra da Agra uma moça vinda dos lados da Espanha. Desenvolta, jovem e bonita, chegou à fronteira, que praticamente não existia, e deixou-se ficar com o seu rebanho de cabras, na bela paisagem que a encantava.

Diz a lenda, que um cavaleiro muito elegante, numa manhã de Sol quando caçava com outros caçadores pelas redondezas, ficou como que maravilhado diante da moça pastora. Cumprimentou-a ternamente:

- Bom-dia, linda Cabreira... Tens a luz do Sol no teu olhar.

Ela sorriu, envergonhada e respondeu com voz trémula:

- É dos vossos olhos, Senhor... Eu não valho o vosso cumprimento...

Então o cavaleiro fez sinal aos seus companheiros para se afastarem e desmontou devagar do cavalo, com um sorriso de promessas:

- Ouve, linda Cabreira... por ti, e só por ti, irei abandonar a caça e ficar neste local... para te adorar!

E assim começou mais um romance de Amor, que durou horas, dias, talvez semanas... Cavaleiro e Donzela trocaram as suas juras, como se só eles existissem no Mundo, ali, os dois sozinhos, recolhidos num recanto paradisíaco da Serra da Agra.

Mas tudo tem um fim, diz o Povo e a Verdade.

Em certo momento o Cavaleiro lembrou-se que tinha de partir. Obrigações importantes esperavam-no decerto:

- Escuta, minha bem-amada... Eu vou, mas voltarei o mais rapidamente possível. Já não posso viver sem ti.

Triste, suspirando, ela apenas confessou:

- Nem sequer sei quem sois... Como vos chamais...

Ele riu, dominador e feliz.

- Pouco importa... Sou o homem que tu amas e te ama... Mas se queres saber mais, digo-te que sou o Conde de uma vila próxima e virei buscar-te em breve para o meu palácio. Espera por mim!

- Esperarei até ao fim da minha vida...

E esperou, na verdade, até ficar quase morta de fome, de cansaço e de frio (e de desilusão, também!)

- Preciso de o encontrar, preciso de o encontrar de novo... nem que para isso tenha de ser ave e voar...

E chorou.

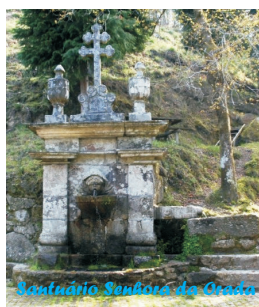
Chorou tanto, tanto, que o caudal das suas lágrimas se transformou num Rio e esse rio foi banhar a terra daquele que a abandonou: "Vila do Conde".

E o bom Povo quis perpetuar, com toda a justiça, o amor desgostoso da moça pastora.

Por isso, deu à Serra onde ela vivera a sua grande paixão, o nome de Serra da Cabreira e já que ela queria ser ave e voar, passou a chamar ao Rio da Vila do Conde, o Rio Ave...



Santuário Senhora da Orada



Santuário Senhora da Orada



Cascata da Bandoga - Rio Ave



Serra da Cabreira

Lendas de Vieira do Minho

Lenda da Ponte de Misarela

Havia um mau homem em terras de Além Douro, a quem a justiça, encarniçadamente perseguia, por vários crimes e que sempre escapava, como conhecedor que era dos esconderijos proporcionados pela natureza. Apertado, porém, muito de perto, embrenhou-se um dia no sertão e, transviado, achou-se de repente à borda de uma ribeira torrencial, em sítio alpestre e medonho, pelo alcantilado dos penedos e pelo fragor das águas que ali se despenhavam em furiosa catadupa. Apelou o malvado para o Anjo-Mau e tanto foi invocá-lo que o Diabo lhe apareceu. “Faz-me transpor o abismo e dou-te a minha alma”, disse-lhe. O Diabo aceitou o pacto e lançou uma ponte sobre a torrente. O réprobo passou e seguiu sem olhar para trás como lhe fora exigido, mas pouco depois sentiu grande estrépito, como de muitas pedras que se derrocavam, e ninguém mais ouviu falar da improvisada ponte. Os anos volveram e, enfim, chegou a hora do passamento. Moribundo e arrependido, confessou ao sacerdote o seu pacto. Este foi ao sítio da ponte e tratou igual pacto com o Diabo. A ponte reapareceu e o sacerdote passou, mas tirando rápido, um ramo de alecrim, molhou-o na caldeirinha que levava oculta, três vezes aspergiu, fazendo o sinal da cruz e pronunciando as palavras sacramentais dos exorcismos. O mesmo foi fazê-lo que sumir-se o Demónio, deixando o ar cheio de um vapor acre e espesso, de pez e resina, de envolta com cheiro sufocante de enxofre, ficando de pé a ponte.

Lenda das Fragas de Pena Má

Aqui vêm pessoas de freguesias longínquas... passar doentes para se sararem.

Parece, porém, que a “mezinha” só dá resultado com crianças do peito, ou de dois a cinco anos. Seja como for, o facto é que esta actividade só é efectuada durante a noite para que o “passageiro” não seja alvo de ditos picarescos e chuchadeira cerrada da parte das pessoas mais atiladas.

Vão sempre meia dúzia de pessoas para não haver medo mas tudo em silêncio profundo. Vão por um caminho e voltam por outro diferente senão a criança morre.

A mulher “passadeira” vai à frente. No sítio dos passes pára, volta a cara para a nascente do regato, abre os pés até à distância de uns 70cm, arregaça a saia. Nessa altura aproxima-se pela retaguarda outra mulher com a criança (normalmente é comadre ou amiga velha da passadeira). A passadeira então pergunta:

- O que é que tu me dás?

- Doenças das penas más. tal é a resposta.

Passam a pobre criança por entre os pés da passadeira.

Repetem isso três vezes e em seguida, tiram a camisa que a criança leva vestida, vestem-lhe uma nova em folha, que já vai de casa de propósito para isso, entregam a criança à mãe ou à pessoa que a levou, e a passadeira volta-se então para a foz do regato e, na mesma posição, passa pelos pés a camisa tirada à criança, e exclama:

Raios te parta e a Satanás,

Na rocha das Penas-Más,

Camisa maldita,

Camisa proscrita...

Camisa doente,

Que o mal não sente.

Na tua viagem para o mar

A doença levarás

Que esta criança traz...

Camisa doente que o mal não sente,

Na tua viagem para o mar

A doença levarás

Que esta criança traz

Raios partam as doenças,

Raios partam a Satanás...

Viva aquela criancinha

Curada nas Penas-Más.

E atira com a camisa pela água abaixo. Depois, tudo palra. Chegam a casa, e então uma boa ceia é o fecho da obra. No sítio das Penas-Más, e dali até ao rio, tudo são camisas de crianças aos pedaços.

